

APRESENTAÇÃO

A América Latina vem tentando superar dificuldades impostas por condicionantes externos e internos. Demandas econômicas, decorrentes do avanço ultra liberal do capitalismo, e as desigualdades sociais, que provocam bolsões de miséria, pobreza e violência no continente, resultaram, dentre outras iniciativas, na formação de sistemas nacionais de educação nem sempre bem sucedidos, ora porque são estabelecidos sem a devida discussão crítica das bases teóricas de política implementadas, ora porque estão desprovidos do conhecimento empírico da realidade educacional. Tais sistemas, malogrados ou não, se pensados em articulação com um passado colonial que sedimentou contra-valores no seio da cultura latino-americana, como racismo, patriarcalismo, patrimonialismo, dentre outros, têm demonstrado a importância e a necessidade de se analisar e discutir a realidade educacional na região para além dos estados nacionais. É nessa direção que este dossiê nasce. Sua intenção é dar a conhecer experiências e práticas no campo da educação, que, se articulados, nos ajudam a refletir com mais consistências sobre os desafios impostos no tempo presente.

Com uma história marcada pela colonização e dependência, a América Latina, como um todo, e o Brasil, em particular, que foram constituídos sob a lógica ocidental européia, ainda não conseguiram instituir modelos de educação capazes de dar conta dos desafios impostos a si próprios. Incorporado por todo o território latino-americano, o modelo cultural ocidental dominante vem se mostrando quase incapaz de produzir um projeto educacional no continente que promova, a um só tempo, riqueza e justiça social. Isto porque, como nos demonstra Prado (2004), mesmo depois das independências, os países latino-americanos permaneceram entendendo educação como modo de “civilizar”, como propagadora de um “progresso” descolado das suas condições históricas concretas de funcionamento. De fato, na região utilizou-se o modelo ocidental de desenvolvimento político e econômico como espelho, sem, no entanto, alcançar os patamares de crescimento dos países centrais. Como esclarece Pozo (2009, p. 9):

[...] já antes da independência, a América Latina se familiariza - ao menos em parte - com as práticas econômicas de mercado, em grau muito superior do que a África



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

e a Ásia na mesma época. Com a independência, esta tendência se acentuou e a maioria dos líderes procurou adotar o modelo mediante o qual países como os Estados Unidos tinham conseguido um alto nível de crescimento. Todavia, mesmo que os contatos comerciais tenham sido intensos, conforme o tempo passava foi ficando claro que a América Latina só conseguia um desenvolvimento que estava muito aquém do obtido pelos Estados Unidos, a Inglaterra, o Canadá, a França e a Alemanha.

Essa desconexão entre políticas de educação e condições objetivas de funcionamento das sociedades latino-americanas, resultaram em reformas educacionais implementadas, com avanços e recuos em torno de políticas de inclusão e permanência de todos no sistema de ensino, com vistas à equidade social. Vinculadas às contingências políticas nacionais e internacionais, e às condições de possibilidade de luta dos mais desfavorecidos, as reformas vão acontecendo em meio a graus de maior ou menor intensidade. Tal situação demonstra que conhecer construções discursivas em educação, experiências de ensino, práticas pedagógicas e culturais de países com histórias que se aproximam, sem perder de vista a riqueza das realidades nacionais e locais, a exemplo dos esforços de Lionetti, Civera e Werler (2013), nos possibilitam entender, com melhor e maior discernimento, a nossa própria realidade educacional. Como orienta Streck (2010, p. 19):

[...] reconhecer a diversidade [por um lado] não significa abdicar do trabalho de procurar os elos que nos unem como povos que não apenas têm uma história semelhante, mas que podem compartilhar os seus dons e capacidades para construir o seu destino comum. Por outro lado, não deve significar a tentativa de enquadramento das experiências e reflexões em esquemas rígidos e, por isso, limitadores da riqueza produzida ao longo do tempo.

Sob essa perspectiva apresentada por Streck (2010), este dossiê se põe como promissor no sentido de favorecer reflexões que demonstram intersecções entre práticas e experiências latino-americanas. Nessa direção, são apresentados ao leitor 9 artigos, que colocam em diálogo 17 pesquisadores, de 4 países do continente: Brasil, México, Argentina e Cuba.

No primeiro artigo, ***A temática indígena nas revistas brasileira e mexicana de história da educação***, Sônia Maria da Silva Araújo e Alicia Civera Cerecedo analisam produções acadêmicas sobre a temática indígena na *Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)*, de disponibilização aberta desde 2001, e na *Revista Mexicana de Historia de la Educación (RMHE)*, publicada ininterruptamente desde 2013, quando partem das seguintes questões: em que nível de frequência a temática indígena vem sendo tratada nos artigos das referidas revistas? Que eixos e/ou perspectivas permeiam esses artigos? Trata-se de um estudo do tipo bibliográfico, em função do modelo de pesquisa denominada

de Estado do Conhecimento, coletando-se dados referentes às publicações ocorridas entre os anos 2001-2024. Verifica-se segundo os resultados, que do total de 843 artigos publicados pelas revistas, apenas 17 tratam da temática indígena, o que representa, somente, um 2%; perspectivas que foram organizados/as em três eixos de análise, segundo as autoras: 1) os processos de escolarização, cultura e teórico-metodológico, que englobam reflexões sobre instituições e institucionalizações; 2) no âmbito das instituições, que tratam do ensino superior, das escolas multisseriadas e das escolas bilingues, dentre outras, e 3) no plano da institucionalização, que tratam da integração e da cristianização, assim como da civilização, trabalho e bilinguismo.

No segundo, Alder de Sousa Dias e Damião Bezerra Oliveira, em ***Pedagogias Decoloniais: do giro decolonial latino-americano ao contexto científico brasileiro***, exploram as origens, desenvolvimento e estado atual dessas pedagogias, em função do que Enrique Dussel chamou de decolonização epistemológica do mundo acadêmico e intelectual como base teórica. Trata-se de um estudo bibliográfico das pedagogias decoloniais na América Latina, com referência na Rede Modernidad/Colonialidad, reconhecida como a principal fonte do que entendem os autores como a virada decolonial, fornecendo-se aqui uma visão geral atualizada do referencial teórico e conceitual das pedagogias decoloniais em dissertações de mestrado e teses de doutorado brasileiras em Educação. Verifica-se segundo os resultados que os trabalhos de Enrique Dussel, Catherine Walsh e Zulma Palermo são pioneiros nesta área, com a pedagogia da libertação de Dussel vista como precursora; discussão que começa a ganhar força em pesquisas de pós-graduação com Oliveira (2010). Constata-se também que as principais contribuições teóricas para o desenvolvimento de novos conceitos em pedagogias decoloniais vêm dos trabalhos de Mancilla (2014), Mota Neto (2014), Rufino Jr. (2017) e Gil (2021), segundo Dias (2021); mas os autores incluem a tese de Pereira (2021), pelas contribuições para as pedagogias decoloniais, bem como seu precursor, a Pedagogia Griô.

No terceiro, ***Disciplina e controles escolares em Cuba nos discursos de Ciência (1880-1898)***, Yoel Cordoví Núñez analisa as abordagens pedagógicas relacionadas à disciplina e aos controles escolares, a partir das contribuições de diferentes ramos da ciência que, com diversos graus de desenvolvimento, contribuíram para aperfeiçoar a gestão dos comportamentos docentes nas instituições educacionais cubanas. Estrutura-se o texto tendo em conta a influência das disciplinas de maior relevância no campo da pedagogia, relacionadas com a conduta e a regulação da ordem nas instituições escolares; tanto da sociologia, quanto das contribuições da psicologia - ainda incipiente -, da fisiologia, da higiene e, claro, das próprias técnicas pedagógicas concebidas na época, compreendendo-se as diferentes formas de conceber-se a natureza da corporeidade infantil, não como um elemento imutável; mas, como uma construção histórica condicionada de acordo com

os diferentes contextos econômicos, políticos, sociais e culturais. Enquadra-se o conteúdo entre a década de 1880, coincidindo com o fracasso da primeira guerra de libertação em Cuba, e o início de um período de intensos debates sobre o assunto, e o fim da dominação espanhola em 1898.

No quarto artigo, Andreia Martel Torres e Sidney Lobato em ***Interculturalidade e educação na fronteira franco-brasileira: distâncias entre o normatizado e o praticado (1996-2020)***, analisam os documentos norteadores das ações governamentais para a educação nas escolas situadas na fronteira franco-brasileira, uma vez que a interculturalidade para os autores ganha maior relevo em espaços fronteiriços, figurando inclusive nos acordos de cooperação entre países limítrofes, que apontam para a implementação de ações daí derivadas no campo educacional no estado Amapá (Brasil). No artigo aborda-se a trajetória e as variações do conceito de interculturalidade, os documentos norteadores das ações estatais no setor educacional que têm como foco a fronteira franco-brasileira e os discursos dos agentes responsáveis pela implementação de tais ações; hiato este entre as normativas e as práticas dos agentes estatais locais no concernente à educação intercultural na fronteira passíveis de pesquisa e intervenção.

No quinto trabalho, Marcelina Caridad Moreno García e Walfredo González Hernández, em ***Análise histórica da matemática na educação primária cubana nos séculos XIX e XX***, apresentam um estudo da matemática enquanto ciência, disciplina e matéria na temporalidade em tela, caracterizando-se o ensino primário e a sua evolução, assim como as principais personalidades da época e as respectivas contribuições. Revelar as regularidades do ensino da Matemática em Cuba entre 1850 e 1959, segundo o método de investigação de análise documental é o objetivo do trabalho, que tem em conta as características psicológicas e pedagógicas dos alunos neste nível de ensino, em que o desenvolvimento de algumas funções psicológicas superiores só tem lugar na escola, para além da separação da realidade e o aumento do rigor lógico na obtenção de resultados, considerados estes como elementos fundamentais da matemática que impactam o desenvolvimento matemático nos séculos XIX e XX que se projetam educação primária atual.

Já Albert Alan de Sousa Cordeiro e Raimundo Nonato de Pádua Câncio em ***Colonialidade pedagógica na Amazônia brasileira: educação para o sistema-mundo moderno/colonial***, discutem no sexto trabalho, como a colonialidade adquiriu uma dimensão pedagógica que se estruturou nos sistemas de ensino, buscando encobrir as complexas culturas desenvolvidas pelos diferentes povos e populações amazônicas e suas alternativas sistêmicas às sociedades neoliberais. Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, centrado nas relações de poder que se impõem e se sustentam na Amazônia Brasileira, mesmo após o fim dos regimes coloniais formais, sobretudo nos modos de produção do conhecimento, e nas relações antidialógicas que sustentam as políticas públicas

homogeneizadoras, que configuram o que designamos de Colonialidade Pedagógica. Mostra-se segundo os dados produzidos, que ainda há nessa região instituições que reforçam e se orientam por padrões civilizatórios ocidentalizados, denotando a lógica colonial que persiste na desvalorização, estigmatização e subordinação dos conhecimentos das populações locais no ambiente escolar, que quando citados, estes referenciais sociais aparecem de forma esporádica e através da folclorização, por se apresentarem descontextualizados, pois estão desconectados das experiências, dos modos próprios de socialização e das identidades dos diferentes povos amazônicos, embora processos de resistência e de luta sejam protagonizados pelas populações locais.

No sétimo artigo, ***A política higienista para a infância na América Latina: os casos da Argentina e do Brasil nos séculos XIX e XX***, Laura Alves e Welington Pinheiro problematizam quais políticas higienistas foram pensadas e implementadas para a infância, nos finais do século XIX e início do XX, na América Latina, especificamente, na Argentina e Brasil, justificando a relevância do trabalho por revelar como se configurou o pensamento higienista no cuidado e na educação das crianças nesses representativos países. Discutir-se a política higienista para a infância na América Latina, especialmente na Argentina, na cidade de Buenos Aires, e no Brasil, no período em tela, destacando as ações e medidas no cuidado e educação da criança nos finais do século XIX e início do XX é o objetivo do trabalho, articulando-se a pesquisa de cunho histórico com procedimentos do tipo bibliográfico e documental, este último, sustentado nas legislações educacionais, nos relatórios e impressos educacionais, no recorte temporal de 1870 a 1925. Identifica-se pela análise das fontes as ações do movimento higienista na Argentina e no Brasil que teve papel essencial no combate à mortalidade infantil e às doenças que acometiam considerável parcela da população, verificando-se a difusão dos preceitos médicos junto às famílias com orientações para as mães no âmbito da infância nos dois países, assim como no contexto escolar, por meio de inspeções médico-sanitárias, que tinham como propósito limpar e moralizar o corpo da criança na direção de formar uma infância forte e saudável para contribuir com o progresso e a civilidade almejada no ideário republicano.

Sônia Maria da Silva Araújo, Oscar Andrés Piñera Hernández e Dainerys Naranjo Fagundo em ***A Concepção de Educação Popular em José Martí e Paulo Freire: um encontro entre Cuba e Brasil***, oitavo artigo, tratam da concepção de educação popular em José Martí, de Cuba, e Paulo Freire, do Brasil, considerados duas referências no campo da educação; intelectuais que têm produção consistente na área da Educação, em particular no campo da educação popular: José Martí (1853 - 1895) e Paulo Freire, (1921 - 1997). Analisam-se em função dos eixos teóricos que permeiam a ideia de educação popular nos autores e segundo a pesquisa de cunho bibliográfico, as relações possíveis e os pontos de contato entre a concepção defendida por José Martí e a projetada por Paulo Freire. Verifica-

-se segundo os resultados que a concepção de Educação Popular, em José Martí e Paulo Freire, é marcada por um profundo humanismo, perspectivado pelo senso de justiça e luta por liberdade, sendo a vida o eixo norteador da pedagogia que dá sustentação à ideia de educação em ambos os autores; educação que é defendida, como um instrumento de luta pelo direito à existência digna.

Em ***Juventudes geracionais: reverberações históricas e suas representações***, Ivany Pinto Nascimento e Lucía Lionetti, abordam neste nono e último artigo, as gerações de juventudes brasileiras e argentinas na perspectiva de suas respectivas representações, ontem e hoje, em função de uma perspectiva histórica comparada e conectada. Apontam-se para as juventudes que viveram tanto na modernidade quanto na pós-modernidade, escolhendo-se dois aspectos a ter em conta: 1) os períodos históricos da modernidade e da pós-modernidade, marcados por eventos históricos sociais e culturais que justificaram o aparecimento de pensamentos, afetos e fazeres nas diferentes épocas e contextos; e 2) a cultura juvenil, presente em cada período por considerar que a abordagem sobre as culturas juvenis de cada época histórica assegura maior clareza sobre a dinâmica psicossocial dessas juventudes.

Enfim, a diversidade de temas que o dossiê disponibiliza ao público expõe o universo de práticas que o continente experimentou e que nos ajudam a refletir sobre o tema da educação, assim como sobre as marcas deixadas nas sendas que temos trilhado ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

PRADO, Maria Lígia Coelho. **América Latina no século XIX: tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 2004.

POZO, José del. **História da América Latina e do Caribe: Dos processos de Independência aos dias atuais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

LIONETTI, Lucia; CIVERA, Alicia; WERLE, Flávia Obino Corrêa (Orgs.). **Sujetos, comunidades rurales y culturas escolares**. Rosário-México: Prohistoria ediciones, El Colegio Mexiquense e El Colegio de Michoacán, 2013.

STRECK, Danilo (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.